

tem sido pioneira neste tipo de investigação, haveria maior interesse em, numa próxima oportunidade, optar por completar ou substituir a técnica de recenseamento pela de inquérito por amostragem que, embora também tivesse por base toda a população portuguesa praticante, teria objectivos mais ambiciosos no que toca ao tipo de informação a recolher. As técnicas de amostragem permitem com bastante rigor extrapolar da amostra para o universo da população (dos praticantes, no caso) os resultados obtidos. Com este processo de recolha de informação junto de uma amostra da população em estudo poder-se-ia aprofundar o conhecimento sobre os praticantes em Portugal: motivações, graus de empenhamento, posicionamento face a questões morais fundamentais, etc.

Após o desenvolvimento operacional do processo coloca-se a questão do aproveitamento das informações recolhidas. Em primeiro lugar, num inquérito (quer pela técnica do recenseamento quer pela da amostragem) é importante perceber o que significam os resultados. Não são meros números que dão a vitória a este ou àquele; não se trata, no caso dos recenseamentos feitos à Igreja em Portugal, de saber quais as dioceses que tiveram maior ou menor número de praticantes, ou as que tiveram maior aumento ou quebra. Os resultados devem ser lidos como retratos mais ou menos fiéis da realidade (não importa se mais décima menos décima) e, sobretudo, como revelando tendências e grandes linhas de caracterização de uma população (dos praticantes no caso). Devem ser entendidos como impulsionadores e motivadores de uma reflexão cuidada e sistemática acerca das realidades locais e diocesanas; devem ser percebidos como meios auxiliares ao desenvolvimento de planos de actuação pastoral.

MARIA LOPES CARDOSO

Roma-Portugal: impressões de um País

O que os outros pensam de nós como povo nem sempre será justo, mas terá incontestável interesse, quando isso significa um juízo com reflexos no concerto das nações, quer nos aspectos positivos quer nos negativos. No que se refere à história plurisecular de Portugal nas suas relações com a Santa Sé, isso assume particular relevância, por um lado pela qualidade dos intervenientes, por outro pelos laços profundos que sempre ligaram Roma e Lisboa.

Nos sécs. XVI e XVII, dois períodos fortemente contrastantes em que Portugal se viu passar de potência mundial para um estado sob a dominação espanhola, a ideia de Portugal que se fazia em Roma assume uma particular relevância, e disso se fazem eco vários documentos do Arquivo e da Biblioteca do Vaticano. Os exemplos que se seguem pretendem mostrar isso mesmo, sem que o alto conceito em que Portugal era tido servisse para ocultar alguns «pontos fracos».

Entre esses casos apresentamos aqui três: um, proveniente de um cronista de viagem (1571-72)¹; outro, ligado a Instruções emanadas ao Colector em Lisboa, Mons. Albergati (depois de 1617)²; e o terceiro, constando de um relato sobre as condições político-religiosas em Portugal e Colónias (1668)³.

¹ BAV, *Barb. lat. 5250*: «Del viaggio del Sr. Card. Alessandrino Legato alli Serenissimi Re di Francia, Spagna et Portogallo Lib. 2» (f. 1-93); ASV, *Fondo Pio 117*, f. 292-373.

² BAV, *Barb. lat. 5649*, f. 171 (Quadro de Portugal).

³ ASV, *Bolognetti 99*: «Stato del Regno di Portogallo e interessi di quella Corte con la S.ta Sede rappresentata alla Segreteria di Stato dal Ministro Apostolico l'anno 1668» (f. 2-78).

Na viagem do Cardeal Alexandrino a Portugal, como Legado do Papa Pio V ao Rei D. Sebastião, fazia parte da comitiva um dominicano, João Baptista Venturino, que na sua Crónica descreveu com pormenor «as qualidades e costumes dos portugueses». Insaciável na sua curiosidade de coisas novas, Venturino presta atenção a tudo, procurando caracterizar a gente de Portugal no confronto com espanhóis e italianos, com árabes e judeus; dos Reis põe em relevo o seu «grandíssimo zelo da religião cristã» e ao definir Ceuta como a «chave dos mouros da barbárie» apresenta-a como símbolo da epopeia portuguesa; descreve os vestidos e as refeições, e fala do engenho de navegar e da arte de negociar em todo o mundo, em que são «excelentes»; anota características da língua, dando relevo à palavra «saudade»; fala dos produtos da terra, referindo-se às «carnes boníssimas», à «fruta muita e boa», ao «pão melhor que em Espanha»; das mulheres (em Évora) diz serem «as mais belas vistas fora da Itália»; a sua admiração atinge o máximo na descrição do «instrumento do Astrolábio» e das «grandezas de Lisboa», apresentada como metrópole rica e movimentada e como entreposto de bens entre a Europa e as remotas regiões do mundo, sobretudo do Oriente.

O segundo documento apresenta um quadro da situação político-religiosa de Portugal num período em que as relações entre o país e a Santa Sé passavam por Madrid. Como representante do Núncio em Lisboa, o Colector deveria ter em conta a admiração da Santa Sé por Portugal, a qual se justificava pelo serviço prestado à grande obra de evangelização em todo o mundo. Por isso o documento não poupa encómios a «tantas e gloriosas vitórias» deste povo, que com «navegação tão perigosa quanto maravilhosa» deu a conhecer novos mundos e conquistou «glória de tanto sofrimento».

O terceiro documento refere parte das instruções dadas ao Colector da Santa Sé, na ausência do Nuncio próprio em Lisboa. O quadro português resulta fortemente contrastante, pelo louvor da sua tão «magnânima empresa» em favor da fé cristã e do império e, por outro lado, pela lamentação do estado em que Portugal se viu reduzido sob a coroa de Espanha. O apreço pela epopeia de Portugal vai ao ponto de supor uma condição diferente da maior parte do mundo, se sob o domínio português tantos povos tivessem sido

iluminados pela religião cristã. Assim não aconteceu, porque a perda da independência nacional foi acompanhada de outros males: guerras dos castelhanos assumidas pelos portugueses; invasão dos territórios portugueses pelos holandeses, tendo como consequência a expansão do «veneno da heresia».

Para além das razões coligadas com a dominação espanhola, o documento aponta outras, entre as quais a própria culpa dos portugueses. Uma tal observação é justificada pelo «abandono da heróica virtude dos antepassados», na medida em que os portugueses se «entregaram às delícias, a um ócio mole e efeminado e, fascinados pela ávida ambição de acumular tesouros, caíram em insólitas extorções e insuportáveis impostos, tiranizando e exasperando aqueles povos com o seu modo altivo e insolente de proceder». Era um quadro pouco lisongeiro para o orgulho português, que não invalidava a verdade do louvor inicial nem escondia um certo descontentamento com a política de Espanha ⁴.

I. Das qualidades e costumes dos portugueses

«A gente de Portugal não é cuidada (*criada*) ⁵ nem linda nem vistosa (*aparente*) nem dispersa (*vaga*) como a de Castela, mas, reunida geralmente; não carece de gentileza nem de nobres. Mas em todos há uma tal vaidade que, sentindo-se louvar, se tornam escravos, e para os ter na mão é necessário adúlá-los bem. Geralmente são maiores de estatura, de côr mais escura e quase negra, talvez porque muito se misturam com os mouros, que aí são sem conto, e porque naquele Reino houve muitos judeus que ainda retêm aspecto moreno, chamados agora cristãos novos, tendo-se baptizado; de veste rústica com barrete em forma de almofariz, ou de bola redonda ou com abas largas, com saiotos longos a meia perna, de longo busto e falda e capas longas abaixo do joelho, tudo sem adornos e nos pés sandálias pesadas; não trazem espada, porque não se deleitam com isso, com em Castela, dedicando-se ao comércio e marinharia mais do que às armas.

A mesma rudeza mostram-na também nos condimentos dos alimentos e nas comidas. — Maravilham-se com tudo, se bem que de pouca importância. São muitíssimo supeitosos. — Têm, além do mais, mau cheiro, porque, como ordi-

⁴ ASV, *Bolognetti* 99, f. 48.

⁵ Algumas palavras do italiano de Quinhentos, de difícil tradução, são transcritas entre parêntesis.

nariamente são pobres e levados que foram os cavaleiros e mercadores principais, comem peixe reles, adulterado, para o bom mercado que o têm, pela grande abundância e também por outros alimentos gordos e crus, não se fazendo muita cozinha, pela carestia de lenha.

No trabalho e no mercadejar, se bem que parecem inaptos, são muito subtis, hábeis e astutos, semelhantes aos bergamascos na Itália e, como disse, são muito seguros para o mar e realizam grandes empresas, dedicando-se quase todos ao comércio.

As mulheres vestem como em Espanha e com um colarinho no pescoço, que usam sobretudo depois dos primeiros anos floridos; parecem mais modestas, nem usam a liberdade de Castela, talvez pelo temor da pena sob aquele governo de Jesuítas, que esperam coarctar os abusos e os maus exemplos, os quais ferem as almas com dano perpétuo⁶.

A língua portuguesa, se bem que tenha palavras italianas, latinas e castelhanas, que a tornam menos difícil e ingrata, todavia, em geral, é obscura, insípida e desgraciosa (*disamorevole*); é ainda de fraca e má pronúncia, como a genovesa, e dirão «o pà» por o pai, «a ma» por a mãe, «o legà» por o legado, «Lisboa» por Lisbona, «boa» por bona; dessa palavra os Castelhanos, seus émulo por natureza, os declaram com a palavra italiana «Boni».

Os portugueses gloriam-se de ter uma palavra não entendida noutra lugar e singular entre eles, que noutra língua não se pode exprimir se não com mais palavras, que é esta SAUDADE, que quer dizer máximo desejo que se tem de obter ou de recuperar ou de ver uma coisa, e a pintam com a imagem de uma mulher sobre uma penha ou pedra no mar, com as mãos no rosto, protegendo os olhos, toda recolhida a pensar.

As canções portuguesas são de sentimento não vulgar, se bem não tão genuíno como as de Castela, e na boca deles não são desagradáveis.

O Reino de Portugal é pequeno, mas bom (...) ⁷.

É de bom ar temperado, com poucas chuvas e com quase perpétua Primavera; fértil, cultivado, abunda de tudo o que é necessário à alimentação, com excepção de cereal, do qual não há suficiente e se supre com a ilha da Terceira e da Madeira, e ainda da Sicília, mas tem mais vinho e azeite, se bem que gordo; tem boníssimas carnes domésticas e selvagens, tem muita fruta e boa; não tem minas; o pão fabricado universalmente bom é melhor que em Espanha, e a alimentação ainda relativamente cara.

⁶ Mais de uma vez Venturino descreve as mulheres portuguesas: «As mulheres são belas e livres e de traje semelhante ao das castelhanas, mas não com tantos vestidos nem tão pintadas nem adornadas (*invernizzate o lisciate*)» (Elvas). (BAV, *Barb. lat.* 5250, f. 3v; ASV, *Fondo Pio 117*, f. 295); sobre as mulheres de Évora: as mais belas, na minha opinião, que vimos fora de Itália, graves e generosas de presença e de costumes, com ricos vestidos, de belo corte, semelhantes aos das Castelhanas, e com muitas jóias resplandiam duplamente no início da primeira estrada sob uma porta que chamavam Portal Novo» (*Ibidem*, f. 17 e f. 307).

⁷ Os confins são apresentados conforme as indicações de Ptolomeu na 2.ª Tábua.

Das Índias orientais

Das Índias orientais chegam até este Reino diversas coisas singulares, algumas das quais não se encontram noutra lugar e, por outro lado, mais abundantes e a melhor preço, como diamantes, rubis, turquesas, pérolas, ambrá escura e negra do Tibete, loções odoríferas (*muschio*), plantas bezoares⁸ contra os venenos, pedras de jade para o mal de rins, brincos, caracois, conchas de madreperola para adorno; pássaros admiráveis do Paraíso terrestre, um pouco mais pequenos que os papagaios, de penas muito variadas e muito belas, de cantar suavíssimo, a ter depois de mortos na mesa...⁹; caixas para hábito longo (*estola*) com caracois e tartarugas, de vimes da China, belas e bem trabalhadas, caias pintadas e douradas graciosamente; copos e frascos feitos em nogueira da Índia; leques dourados, trabalhados, da China; ébano, marfim, pau brasil (*verzino*), bastões de apoio de ébano, de cana da Índia, de camélia; sacos e bolsas de palma e de junco de diversas cores, belíssimos; cobertas de algodão, pintadas elegantemente à tartaresca; peles de diversas espécies, de zebra, como de seda crua, resistente; cordões semelhantes aos de frades e freiras; perfumes excelentes, tecidos de algodão, raríssimos e outros; papagaios embalsamados, trazidos do Tibete e outros; gatos vários para divertimento; especearias de toda a qualidade; fio subtil, mapas e bússulas de navegar bem feitas e ricamente ornamentadas; e muitas outras coisas semelhantes, as quais se vendem todas em Lisboa, onde se compraram muitas, se bem que eram caras, porque havia já muitos meses que não tinham chegado das Índias. Todos os Prelados e Nobres do Legado aí fizeram compras, mas o Patriarca mais do que todos (...).

Todos (os reis) se ocuparam em fazer guerra aos infiéis, não só em Espanha, mas em África e ainda em remotíssimas províncias, tanto na Pérsia como em uma e outra Índia, com grandíssimo zelo da religião cristã¹⁰.

A grandeza de Lisboa

«A grandeza de Lisboa é esta: daqui não só se vai à Flandres e outros países longínqua, por mercadoria, mas ainda às Índias orientais, onde há as especearias e as gemas. Vai-se aos Reinos e Províncias de África, de Etiópia, costa da China, onde há sete Reinos, ao Mar Vermelho, Arábia feliz, Pérsia, a Calecut, a Malaca e a muitos Reinos da primeira e da segunda Índia, tanto de cá como para lá do Ganges, à China, às Molucas, Taprobana e a muitas ilhas, com mais de seis mil léguas de caminho. E aí navegam os Portugueses com muita arte e nisto são excelentes e com muita determinação, estando algumas vezes seis meses sem verem senão céu e água, nem perdem jamais a linha de viagem, guiando-se pelas estrelas, principalmente de dia pelo Sol e de noite com a tramontana; e é de facto

⁸ Plantas medicinais, sedativas (drogas?).

⁹ Referência a receitas culinária com recheio.

¹⁰ BAV, *Bar. lat.* 5250, f. 63v-68; ASV, *Fondo Pio 117*, f. 348v-352.

grande maravilha que com o instrumento do Astrolábio se meça a redondeza do céu, sendo tão grande que o homem não o pode imaginar e que com ele se avalie a altura do Sol, passando por subtilíssimo lugar e sendo bem maior que toda a terra e o mar, e que com ele se saiba quanto está distante ou próximo de nós o Sol, cada dia, e o homem saiba com certeza em que lugar se encontra e, de modo semelhante, que com um compasso e uma ponta de raio posta numa folha se saiba girar o mundo, e entender igualmente onde o homem se encontra tanto de dia como de noite, e onde deva parar, onde se retirar, encaminhando-se por espaço tão largo e tão vasto como o mar pelo qual não se vê caminho nem sinal nem termo algum dele; e considerando ainda as constantes tribulações na longa navegação, ainda que o temer a morte seja coisa natural, queira Deus que se não esqueçam disso e pensem também de tornar de novo, porque de outro modo não haveria quem navegasse e os bens da Índia não seriam conhecidos por nós nem apreciados, sobretudo, o ouro, as gemas, o incenso, a mirra, a pimenta, a canela, e semelhantes coisas tão variadas e caras.

As naves que vão a estas Índias pela distância do caminho são mais altas e abastecidas, munidas e fortes do que outras, como se viram três no porto de Lisboa, com as quais trouxeram já também elefantes vivos a esta cidade (...) ¹¹, outros animais e bestas de estranhas formas, que se vêem nessa cidade nas Casas das Índias de Sua Magestade, cheias de muitas coisas extravagantes, de ferro, de bronze, de madeira, de terra e de outras espécies» ¹².

II. A fé e o imperio dos Portugueses

«O Reino de Portugal, se bem que não tem os seus antigos Reis, conserva no entanto grandeza, adquirida por tantas e gloriosas vitórias nas mais remotas paragens da África e da Ásia. Célebre em nome desta nação, foi um generoso entusiasmo com o qual abordaram costas incógnitas, e com uma nevegação tão perigosa quanto maravilhosa deram notícia de novos mundos. A esta glória de tanto sofrimento acrescentaram novos troféus, não somente a partir das conquistas do império com o valor das armas, mas também da propagação da fé de Cristo, com a piedade, mandando por todo o mundo evangelizadores, para plantarem a santa fé naquelas vastíssimas paragens da África e da Ásia. E se bem que para manterem as conquistas tivessem tido heroicos encontros pela quantidade inumerável dos inimigos e pelo lugar remoto dos acontecimentos, no entanto, superando as dificuldades com a fortaleza de ânimo, defenderam gloriosamente aqueles domínios e tornaram temíveis àqueles povos as armas portuguesas» ¹³.

¹¹ Referência à *História* de Políbio e às *Etimologias* de Isidoro.

¹² BAV, *Bar. lat.* 5250, f. 57-58; ASV, *Fondo Pio 117*, f. 343-344.

¹³ RAV, *Barb. lat.* 5649, f. 171.

III. A magnânima empresa dos Portugueses

«A nação portuguesa, com heroicas e generosas provas de valor, e não menos de piedade, espalhou não só em tantas partes do mundo desconhecido até aos últimos confins do Oriente a jurisdição do próprio império, mas também com a pregação do Evangelho tornou clara e famosa a verdadeira fé de Jesus Cristo entre inumeráveis povos, dos quais não se tinha conhecido nem respeitado sequer o nome e aumentando sempre inseparavelmente com a sua Monarquia o fruto da conversão da alma, que um grandíssimo número recebeu o Baptismo, não há dúvida que se tivessem continuado com o mesmo fervor uma tão magnânima empresa, teria reduzido sob a força do seu domínio a maior parte do mundo e tê-lo-ia ilustrado ao mesmo tempo com o esplendor da religião católica.

Mas tendo faltado em Portugal, depois da infeliz ruína do Rei Don Sebastião, a sucessão dos próprios reis naturais, e passando o domínio desta coroa para o Rei Filipe II, foi necessário que as guerras que eram próprias dos Castelhanos fossem assumidas pelos portugueses, e empregando as suas forças para sustentamento das mesmas, daí resultou que, não só se trascurasse de mandar os habituais e vigorosos socorros às suas conquistas, mas também os Holandeses, para se vingarem dos danos da guerra, que vivamente lhe era feita pelas armas do dito Rei, empreendessem a navegação da Índia, inferindo aos Estados dos Portugueses aqueles males que de todos são conhecidos. E depois tendo feito Filipe III com as Províncias a trégua por doze anos, famosa pelo prejuízo que daí resultou para a reputação da Monarquia de Espanha, foram deixados em preda à invasão dos mesmos Holandeses os Estados da Coroa de Portugal, que não tinham sido compreendidos naquele perniciosíssimo tratado, em vigor do qual foram excluídos da dita trégua todos os países postos para lá da linha equinocial. Entretanto os Holandeses tornados poderosos no mar apoderaram-se na Índia das principais praças e fortalezas que eram possuídas pelos Portugueses, e tendo-se tornado com a força das suas armadas senhores quase absolutos daquele riquíssimo comércio com ruína quase total do desta Coroa, acumularam imensos tesouros, tornando temerosa em todo o mundo a potência da sua República, e não contentes do dano temporal acarretado ao domínio dos Portugueses, fazem também com o seu livor herético guerra mortal às almas daqueles pobres cristãos, impedindo-lhes a comunicação de sacerdotes e de outros religiosos que costumavam ministrar-lhes os sacramentos, e por isso em muitas partes se foi extinguindo quase completamente a fé católica e povos inúmeros, seduzidos pela falsa doutrina dos pregadores heréticos, bevem a pouco e pouco e quase insensivelmente, o veneno da heresia» ¹⁴.

A. PINTO CARDOSO

¹⁴ ASV, *Bolognetti 99*, f. 46-47.